

Fazendo os Alunos Pensarem Usando Perguntas com Eficácia na Sala de Aula

Larry Burton e Donna J. Habenicht

Abem-conhecida declaração de Ellen G. White: “É a obra da verdadeira educação... preparar os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem”¹ se torna mais urgente no século 21. Estamos ensinando uma geração de alunos que cresceram com computadores e com a mídia.² Para muitos deles, pensar significa apertar alguns botões mudando rapidamente de um assunto para outro, batendo papo com “cinco” amigos ao mesmo tempo, e baixando trabalhos escolares da Internet. Manter pensamento criativo ou reflexivo é um conceito alheio pois muito poucas das experiências da vida diária das crianças e adolescentes de nossos dias oferecem oportunidades para esse tipo de pensamento. Como podemos ajudar nossos alunos a pensarem?

Criando Boas Perguntas

Ensinar alunos a pensar começa com a criação de boas perguntas. Com muita frequência, as perguntas que fazemos requerem apenas a repetição daquilo que dissemos na aula ou de alguma coisa que o aluno já leu. Esse tipo de perguntas não

requer nenhum “nível elevado” de pensamento.

É o que significa “nível elevado”? A ferramenta mais comum para decidir se uma pergunta é de “nível elevado” ou de “nível baixo” é a Taxinomia [ou Sistemática] de Bloom.³

Níveis de Perguntas

A maioria das perguntas se enquadra em uma das quatro categorias de Bloom, ilustradas na Tabela 1. Perguntas do nível 1, *Saber*, requerem habilidade apenas em conceitos ou fatos básicos. No entanto, ser capaz de “lembrar” e “entender” provê um alicerce para pensamento de nível mais elevado.

Perguntas dos níveis 2, 3 e 4 promovem nível mais elevado de pensamento porque requerem que os alunos tomem o conhecimento básico que desenvolveram no nível 1 e façam alguma coisa com ele. O nível 2, *Aplicar*, inclui “habilidades”, coisas que queremos que os alunos aprendam *como* fazer. Encontrar textos bíblicos, por exemplo, é mais fácil quando o aluno conhece os livros da Bíblia em ordem.

“Três dias depois o acharam no templo, assentado no meio dos mestres, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os que o ouviam, muito os admiravam da sua inteligência e das suas respostas.”

Lucas 2:46 e 47

“Não é o melhor plano falarem os professores, unicamente, mas devem levar a classe a dizer o que sabe. ... Suas idéias devem ser externadas e corrigidas, ou aprovadas, como o caso requeira.”

Ellen G. White

Conselhos Sobre a Escola Sabatina, páginas 115 e 116.

Perguntas do Nível 3, *Examinar*, requerem que os alunos inspecionem os diferentes elementos ou partes do tópico que está sendo estudado. Eles podem usar observações, debates, e sua capacidade de pensar para encontrar semelhanças e diferenças entre idéias e conceitos para raciocinar a partir de experiências específicas para verdades gerais, e para estabelecer padrões para guiá-los na tomada de decisões ou avaliações. A pergunta seguinte requer esse nível de pensamento: “Que semelhanças você encontra entre a história do filho pródigo e a da moeda perdida?”

Perguntas ou ordens do nível 4, *Criar*, requerem que os alunos criem alguma coisa nova a partir do que já sabem, podem fazer e já examinaram. Exemplos: “Que você pode criar para representar seu relacionamento com Cristo?” ou “Usando seu material artístico, fazer um desenho que mostre como você pensa será a aparência do céu quando Jesus voltar à Terra”.

Ao ensinarmos, precisamos fazer perguntas em cada um desses níveis. Nossos alunos precisam tornar-se peritos nas informações, idéias e conceitos básicos. Nós também queremos que eles vão além da mera compreensão e repetição das idéias de outras pessoas para a criação de pensamento e reflexão originais sobre as verdades da Palavra de Deus.

Planejando Boas Perguntas

Muitos professores não compreendem a importância de planejar perguntas com antecedência. Mais de 90 por cento das perguntas que os professores fazem na

Ensinar alunos a pensar começa com a criação de boas perguntas.

classe estão no nível do “saber”. Tais perguntas pedem que os alunos relembrem ou recitem fatos. Quando estiver ensinando uma nova história da Bíblia, pode ser importante fazer várias perguntas no nível do “saber”. Contudo, os alunos perderão o interesse se lhes forem feitas apenas perguntas factuais básicas sobre histórias que já conheçam bem.

Embora saber seja importante, nossa comissão é ir além de simplesmente ensinar informações para fazer discípulos.⁴ Ensinar tem a ver principalmente com relacionamentos. Deus criou seres humanos para comunhão, e comunhão requer mais do que simplesmente conhecer acerca de Deus. Precisamos fazer perguntas que ajudem os alunos a investigarem o caráter e as ações de Deus, o profundo significado da Bíblia, e como tudo isso se aplica a sua vida. Para fazermos essas perguntas realmente importantes, porém, precisamos planejar com antecedência. Do contrário, cairemos na cilada de fazer perguntar no nível do “saber”. A fim de fazer perguntas mais eficazes, você deve tentar um dos seguintes métodos:

Recapitular as atividades de aprendizagem planejadas. Escrever três ou quatro perguntas para a lição e para cada

atividade de aprendizado. Finalmente, analisar cada uma das suas perguntas e decidir que nível de pensamento você está pedindo que os alunos usem. Certificar-se de estar fazendo perguntas em todos os quatro níveis.

Outra maneira é começar com uma pergunta do nível 1 e seguir com uma pergunta em nível mais elevado sobre o mesmo assunto. Os verbos fornecidos na Tabela 2 podem ser de proveito no desenvolvimento de perguntas nos vários níveis.

Criando Perguntas Para Reflexão

Perguntas do nível 4 que encorajem reflexão talvez sejam as mais importantes e as mais difíceis de desenvolver. Muitos alunos acham esse nível difícil de responder porque eles não têm experiência com reflexão. O propósito da reflexão é dar ao aluno oportunidade de fazer ligações espirituais com a atividade que acabaram de completar. O aprendizado espiritual é incompleto sem esta ligação. Reflexão requer pensar acerca da *atividade* bem como da *ligação espiritual*.

Perguntas de reflexão podem concentrar-se no assunto do estudo, no processo da atividade, no pensamento durante a atividade, nos princípios espirituais da atividade, ou nos sentimentos e emoções. As perguntas genéricas a seguir podem ser usadas, com um pouco de adaptação, para promover reflexão sobre quase qualquer atividade de classe.

Perguntas Focalizadas na Atividade

- “Dizer o que acabou de acontecer. Que tornou isso difícil? Que o tornou fácil?”
- “Que [a atividade] lhe ensinou sobre [o assunto]?”
- “Que passou pela sua mente enquanto você estava [fazendo esta atividade]?”
- “Que você sentiu [emocionalmente] enquanto experimentava esta atividade?”
- “Você já experimentou algo semelhante [a esta atividade ou assunto] antes?”
- “Conta-nos acerca de alguma ocasião em que algo semelhante aconteceu a você ou a alguém que você conhece.”
- “Que você diria a [um personagem da história]? Que acha isso faria ao [personagem]?”
- “Que você mais gostou nessa história?”⁵

Tabela 1. Quatro Níveis de Perguntas

Nível	Nome	Tipo de resultado no aprendizado
1	Saber	Entendo isto ou posso explicar em minhas próprias palavras.
2	Aplicar	Posso fazer isto.
3	Examinar	Posso ver as coisas de perto e fazer julgamento sobre elas.
4	Criar	Posso juntar idéias e criar algo novo.

Tabela 2. Tipos de Pensamento em Cada Nível da Taxinomia de Bloom

Saber	Reconhecer Esclarecer	Identificar Ilustrar	Repetir Dar exemplos
Aplicar	Fazer Mostrar	Usar Praticar	Levar a cabo Demonstrar
Examinar	Diferenciar Testar	Esboçar Criticar	Organizar Julgar
Criar	Fazer uma hipótese Produzir	Projetar Inventar	Desenvolver Compor

- “Gostaria de saber qual é a parte mais importante da história.”⁶⁶

Perguntas Focalizadas na *Ligação Espiritual*

- “Que relação você vê entre esta atividade e o ponto principal da nossa lição de hoje?”
- “Que está Deus querendo dizer-nos nesta [história ou atividade]?”
- “Que orientação Deus nos deu sobre [este assunto]?”
- “Em que [esta atividade] se assemelha a [princípio espiritual]?”
- “Gostaria de saber se você se encontra nessa história.”⁶⁷

Você deve adaptar essas perguntas à idade dos seus alunos. Reformulando as perguntas de maneira mais concreta fará com que sejam úteis para crianças mais novas. Quando encontrar perguntas de reflexão que funcionam bem, use-as como modelos para criar novas perguntas de reflexão sobre outros assuntos.

Vamos considerar uma classe das séries mais avançadas do ensino fundamental. O Professor Chilson começa sua

aula de Bíblia pedindo que os alunos leiam Êxodo 18. Depois ele pergunta: “Quais são os principais pontos desta história sobre Moisés? [Pergunta no nível 1, Saber.] Depois de os alunos desenvolverem uma lista, ele pergunta: “Que vocês acham os versos 17 a 24 dizem a respeito de Jetro?” [Nível 3, Examinar.] “Que tipo de relacionamento vocês acham Moisés tinha com Jetro?” [Nível 4, Criar.] Ele encerra os comentários sobre o texto perguntando: “O que acerca de Moisés vocês acham fez com que Jetro o desejasse em sua família?” [Nível 4, Criar.] Ele então conclui perguntando: “Que vocês mais gostaram nessa história?” [Nível 4, Criar.] O Professor Chilson usou perguntas para habilmente conduzir seus alunos a um “nível mais elevado” de pensamento e reflexão. Seus alunos também responderam reflexivamente a suas perguntas. Como ele conseguiu isso?

Conseguindo Que os Alunos Respondam

Conseguir que os alunos respondam é algo essencial. Afinal, é o comentário de

importantes perguntas que estimula o aprendizado. A técnica tradicional de perguntas e respostas usada em muitas escolas funciona mais ou menos assim: O professor faz uma pergunta. Os alunos que pensam saber a resposta levantam a mão. O professor chama um aluno pelo nome. O aluno dá a resposta. O professor diz se a resposta está certa ou errada.

O que há de errado com essa rotina? Várias coisas. Cerca de 10 por cento dos alunos responderão 80 por cento das perguntas, seja na primeira série ou no curso de pós-graduação. Os alunos cujos nomes não são chamados ficam sentados passivamente e não participam da interação, enquanto os que “pensam alto” são encorajados a responder sem ponderar suas respostas.

As técnicas tradicionais de fazer perguntas funcionam melhor para aprendizes interpessoais ou de auditório. E os outros alunos? Se a pergunta é suficientemente importante para ser feita em classe, então ela deve ser importante o suficiente para que todos os alunos a respondam. Como se pode transformar uma sessão de perguntas em uma experiência de aprendizado ativo e envolvente? Três diretrizes simples podem ajudar a transformar seu uso de perguntas.

Tempo de Espera

Em primeiro lugar, incluir *tempo de espera* após apresentar a pergunta. Não se inquietar com pausas e silêncio. Se você faz perguntas bem pensadas, os alunos precisam de tempo para pensar antes de responder. Sem o tempo de espera, os alunos freqüentemente preferirão não responder ou simplesmente ecoar a resposta de um colega mais rápido ou mais fluente.

Em geral, deve-se esperar pelo menos três segundos após a pergunta antes de pedir uma resposta. Para perguntas mais complexas, o tempo de espera deve ser mais longo. Não apontar para um aluno responder senão *depois* de ter feito a pergunta completa e ter concedido algum tempo de espera. Se você apontar para um aluno antes de acabar de fazer a pergunta, os outros não prestarão atenção e, portanto, não aprenderão.

Partilhar Primeiro com um Colega

Em segundo lugar, permitir que os alunos respondam à pergunta *partilhando primeiro sua resposta com um colega*. Isso permitirá que todos os alunos respondam à pergunta. Quando você quiser que a classe toda ouça a resposta a

sua pergunta, peça que os alunos primeiro partilhem sua resposta com um colega de classe. Muitos alunos podem dar respostas adequadas às perguntas mas têm medo de parecer tolos diante dos colegas. Se lhes é permitido primeiro apresentar sua resposta a um colega, eles adquirem confiança em sua resposta correta ou recebem opinião do colega quanto a uma resposta incorreta. A seguir damos três maneiras de conseguir que os alunos debatam suas respostas com um colega:⁸

1. *Duplas*. Depois de o professor apresentar a pergunta, os alunos formam duplas para debaterem o assunto. Eles não partilham suas respostas com a classe. O propósito é fazê-los refletir sobre uma pergunta específica.

2. *Pensar-Formar Duplas-Partilhar*. Apresentar a pergunta e oferecer “tempo de espera” para permitir que os alunos pensem em uma resposta antes de conversarem com um colega. Então os alunos formam duplas e debatem a pergunta. Finalmente, usar o método de chamada aleatória para pedir que os alunos individualmente partilhem suas respostas ou a resposta do colega de classe.

3. *Círculo de Respostas*. Propor uma pergunta para a classe, dividir a classe em equipes e designar uma pessoa em cada equipe para ser a primeira. A primeira pessoa em cada equipe escreve uma resposta na folha de papel, então passa o papel à próxima pessoa da equipe. A segunda pessoa escreve uma resposta e passa o papel à terceira pessoa e assim por diante até que todos tenham respondido. A folha de respostas pode passar por todos mais de uma vez, dependendo da pergunta. Depois de todos terminarem de escrever, convidar os alunos a partilharem suas respostas pelo menos com uma outra equipe ou com a classe inteira.

Chamar os Alunos por Igual

A terceira diretriz que pode ajudar a transformar seu uso de perguntas é *chamar os alunos por igual*. Quando for escolher alunos para responder a uma pergunta, experimentar técnicas de *chamada aleatória* bem como técnicas de *registro informal* para garantir que todos tenham oportunidade de participar. Na maioria das salas de aula, uns poucos alunos respondem a maior parte das perguntas, a despeito do tamanho da classe.⁹ Às vezes, os próprios professores encorajam isso chamando alunos que eles sabem darão uma boa resposta.

Você pode mudar seu padrão chaman-

do alunos aleatoriamente em sua classe. Qual é o resultado disso? Se os alunos percebem que qualquer um deles pode ser chamado a responder, eles levarão as perguntas mais a sério. Em muitas classes, os alunos sabem que se não levantarem a mão, não precisarão pensar. Mas se mudarmos nossos hábitos de fazer perguntas, eles terão de pensar e preparar uma resposta.

E os alunos que não sabem a resposta? Eles não ficarão atrapalhados se você os chamar? Geralmente não, se você seguir o segundo princípio mencionado acima. Pedindo com regularidade para os alunos comentarem seus pensamentos e idéias com um colega antes de partilharem sua resposta com a classe, cada pessoa tem a opção de partilhar sua própria resposta ou a resposta do colega quando for chamado.

Chamada Aleatória. Uma das técnicas mais simples da chamada aleatória usa uma pilha de cartões ou pequenos pedaços de papel. Primeiro, escreve-se o nome de cada aluno em um cartão separado. Colocam-se todos os cartões em uma só pilha. Quando precisar uma resposta, retire da pilha um cartão e chame aquela pessoa. Para manter os alunos em alerta, colocar novamente na pilha cada cartão que for usado.

Registro Informal. Para certificar-se de que todos os alunos são chamados a responder, usar uma técnica de registro informal. Quando usar a pilha de cartões descrita no item anterior, criar uma nova pilha de cartões dos alunos que já respon-

Precisamos fazer perguntas que ajudem os alunos a investigarem o caráter e as ações de Deus, o profundo significado da Bíblia, e como tudo isso se aplica a sua vida.

deram. Ao avançar na pilha de cartões de alunos que ainda não responderam, ocasionalmente tomar um cartão da pilha dos que já responderam, fazendo com que todos se mantenham atentos a todo momento.

Ler nas Entrelinhas

Devemos nos certificar de *ler nas entrelinhas* ao aceitar respostas ou comentários dos alunos. Uma “resposta correta” pode não significar muito – pode ter sido apenas papagueada. As crianças podem não entender o que estão dizendo ou talvez não tenham feito nenhuma aplicação à própria vida. Os alunos podem saber muito mais do que estão dispostos a dizer, mas não querem parecer “inteligentes” demais ou “os bons” diante dos colegas de classe. É preciso ler nas entrelinhas para conseguir um *feedback* verdadeiro.

Expressão corporal oferece importante *feedback*. Tanto crianças como adultos muitas vezes encenam coisas que não estão dispostos a dizer verbalmente e o rosto de uma pessoa pode registrar uma pergunta não verbalizada. Uma criança acanhada pode se sentir atrapalhada se você disser alguma coisa diretamente acerca da pergunta não verbalizada. Deve-se procurar reformular o que se acabou de dizer, ou de alguma outra forma tentar esclarecer. Para uma criança mais extrovertida, um aluno mais confiante, pode-se dizer: “Acho que você tem uma pergunta, Fulano. Você gostaria de expressá-la?”

Que Fazer com as Respostas Erradas

Quando os alunos derem uma resposta incorreta a uma pergunta ou atividade de reflexão, o professor precisa lidar com a situação muito cautelosamente. Não deve deixar o aluno desconcertado dizendo: “Eu

pensei que você sabia isso.” “Por que você não sabe a resposta? Não estava prestando atenção?” “A pergunta era tão fácil!” Humor impróprio e sarcasmo são sempre aflitivos aos alunos. Da próxima vez, eles podem nem querer tentar responder à pergunta.

A reação do professor a respostas erradas ou a incapacidade de responder do aluno ajudam a estabelecer a atmosfera. Uma forma de reagir a respostas erradas sem desconcertar o aluno ou criar espírito de competição¹⁰ é *dignificando* a resposta. Identificar que partes da pergunta foram respondidas corretamente. Se o aluno respondeu uma pergunta um tanto relacionada, identificar a pergunta que ele ou ela realmente respondeu.

Algumas vezes, é necessário apresentar novamente a pergunta de maneira diferente. Isso dá ao aluno mais tempo para pensar sobre uma resposta. Se isso não funcionar, *reformular* a pergunta. A linguagem que usamos como professores nem sempre nos faz comunicar bem com nossos alunos. Se a pergunta é muito complexa, dividi-la em várias perguntas mais simples.

Outra maneira de apoiar o aluno que deu uma resposta incorreta é oferecer dicas e palpites acerca da resposta até que ele ou ela possa responder. Se você tentar todas as alternativas e ainda assim a criança não puder pensar na resposta, dar a resposta e pedir que a criança a explique em suas próprias palavras.

Às vezes, os alunos respondem de um modo que é aflitivo ou até ofensivo. Muitas vezes, uma pergunta direta como “Por que você pensa assim?” poderá esclarecer a resposta. Quando uma meninazinha disse que achava que Deus não existia, uma simples resposta à pergunta “Por que você pensa assim?” trouxe a explicação: “Bem, não existe Papai Noel, por isso Deus não deve existir tampouco!” Isso deu ao professor oportunidade de ajudá-la a compreender que Deus *existe*.

Idéias errôneas devem ser corrigidas, tanto quanto possível, mas sempre em um espírito bondoso e gentil.

Respondendo às Perguntas dos Alunos

Nem todas as perguntas são geradas pelo professor. Os alunos também fazem perguntas. Há duas maneiras básicas de responder às perguntas dos alunos: dando respostas diretas ou reflexivas. As respostas diretas oferecem uma resposta factual à pergunta. Se uma criança

pergunta, por exemplo: “José e Manassés eram parentes?” o professor pode responder: “Sim, José era pai de Manassés.” Respostas diretas são eficazes e satisfazem os alunos, sendo que exigem menos esforço pessoal. Contudo, elas não encorajam raciocínio em nível mais elevado.

Em uma resposta reflexiva, o professor tenta fazer o aluno pensar por si mesmo, incentivando-o a tirar suas próprias conclusões ou identificar um processo que poderá usar para descobrir a resposta. Nas respostas reflexivas, o professor tipicamente responderá a uma pergunta com outra pergunta, como Jesus muitas vezes fez.¹¹ Quando o aluno pergunta: “José e Manassés eram parentes?” você pode dizer: “Que você acha?” ou “Onde na Bíblia você pode encontrar uma resposta?” Ou a criança poderá perguntar: “Você conhece algum parente de José? Você conhece algum parente de Manassés?” Deve-se procurar equilibrar o uso de respostas diretas com um bom número de respostas reflexivas.

Em nossa experiência, alunos em todos os níveis precisam ser conduzidos a um nível mais elevado da habilidade de pensar em todas as disciplinas. Cremos que o pensamento de nível mais elevado é especialmente importante ao ajudar os alunos a amadurecerem no desenvolvimento da fé, pois isso pode prover-lhes um sólido fundamento para sua crença em Deus e em Sua Palavra. E também leva a uma atmosfera de franqueza e disposição de debater as preocupações espirituais dos alunos.

Este artigo foi adaptado de um livro ainda em preparo por Donna J. Habenicht e Larry Burton.

Teaching the Faith: An Essential Guide for Building Faith-Based Kids (Review and Herald, na impressão) e foi publicado com permissão dos autores e da editora. Larry Burton é professor associado de Currículo e Instrução na Universidade Andrews, em Berrien Springs, Michigan, EUA. Donna J.

Habenicht é professora emérita de Psicologia Educacional e de Aconselhamento na Universidade Andrews. Ambos já lecionaram em todos os níveis, desde o



ensino fundamental até a escola de pós-graduação e também se envolveram no ministério de crianças nas igrejas.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Ellen G. White, *Educação*, pág. 17.
2. Ver Alison Armstrong e Charles Casement, *The Child and the Machine: How Computers Put Our Children's Education at Risk* (Beltsville, Md.: Robins Lane Press, 2000) (e Jane M. Healy, *Failure to Connect: How Computers Affect Our Children's Minds—and What We Can Do About It* (New York: Simon & Schuster, 1998)). A pesquisa sobre esse assunto ainda está em sua fase inicial, mas as implicações do que já foi descoberto são dignas de séria consideração por educadores e pais.
3. Para maiores informações sobre a Taxinomia de Bloom, ver Lorin W. Anderson e David R. Krathwohl, editores, *A Taxonomy for Learning, Teaching, and Assessment: Revision of Bloom's Taxonomy of Educational Objectives*, Edição Simplificada (New York: Longman, 2001).
4. A Comissão do Evangelho, Mateus 28:19 e 20.
5. Essas perguntas do tipo “Eu gostaria de saber...” são sugeridas por Jerome Berryman em *Teaching Godly Play* (Nashville, Tenn.: Abingdon Press, 1995). Embora *Godly Play* tenha sido intencionado para uso com crianças de 4 a 12 anos de idade, essas perguntas são muito eficazes para extrair respostas reflexivas desde crianças do jardim da infância até alunos de pós-graduação.
6. *Ibidem*.
7. *Ibidem*.
8. Para um debate mais completo das estruturas de aprendizado cooperativo, ver o livro de Spencer Kagan, *Cooperative Learning*, publicado por Kagan Cooperative Learning, San Clemente, Califórnia, 1997.
9. Para classes menores, um quinto dos alunos tende a responder cerca de quatro quintos das perguntas. Em classes de 40 ou mais alunos, cerca de 10 por cento das crianças respondem cerca de 90 por cento das perguntas.
10. Robert Marzano e Debra Pickering, com Daisy E. Arredondo, Guy J. Blackburn, Ronald S. Brandt, Cerylle A. Moffett, Diane E. Paynter, Jane E. Pollock, e Jo Sue Whisler, *Dimensions of Learning: Teacher's Manual* (Alexandria, Va.: Association for Supervision and Curriculum Development, 1997).
11. As perguntas que Jesus fazia em retorno foram sempre diretas e desafiadoras ao pensamento. Frequentemente eram uma surpresa que atingia o centro dos motivos do indagador. Às vezes, elas proviam uma saída do dilema que Seus indagadores pensavam estar propondo. Ver Mateus 12:9-13; 18:1 e 2; 21:23-27; e 22:15-22 para iniciar. Ver também Bertram L. Melbourne, “Still Teaching After Two Millennia”, *Journal of Adventist Education* 65:5 (Verão de 2003), págs. 5-9.